

// FRANCISCO GRADEÇO ... Entrevista

Fotos / Cláudio Gomes

O Sangalhos DC é um clube de "aldeia", mas que tem tido vários jovens com potencial...



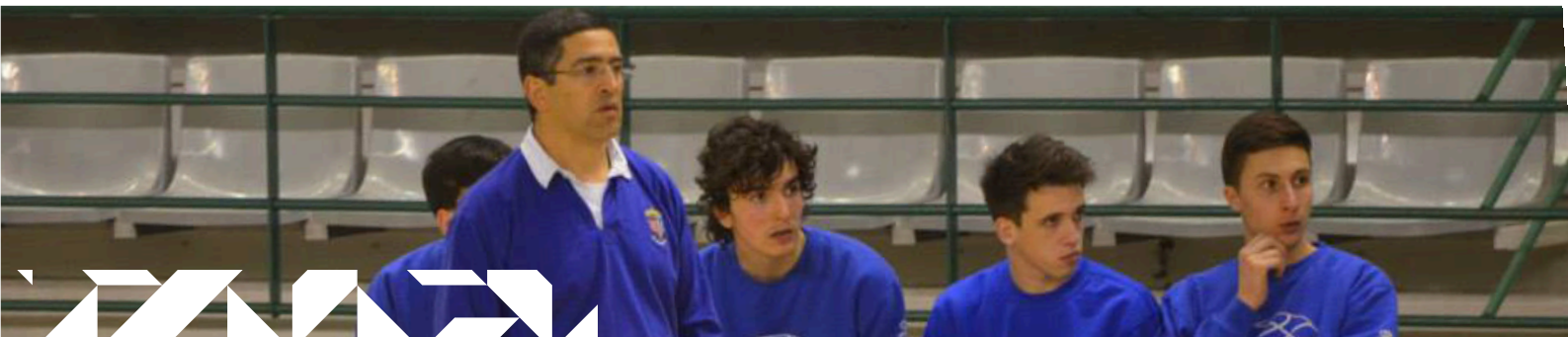
Francisco, esta é a 9ª época ao comando do Aliança Sangalhos e já lá vão mais de 10 anos a orientar uma equipa no Campeonato da Proliga. O que pensas do actual formato da competição?

Pessoalmente gostava que o 2º nível de competição no basquetebol português fosse de âmbito nacional, que o nível das equipas fosse mais próximo do da Liga, que os clubes tivessem melhores condições estruturais por forma a cumprirem com todas as suas obrigações atempadamente (estatística, vídeo...). No entanto, cabe-nos respeitar as opções tomadas pela Federação, de acordo com a opinião da maioria dos clubes que compõem esta competição. Este formato faz alterar aquilo que era o objetivo tradicional da grande maioria das equipas, apurar para o play-off. Se 4 equipas são muito poucas num universo de 16, não é menos verdade que quem quer entrar no play-off tem de ter condições e o objetivo de subir. Caso contrário pode fazer uma excelente época, mas descer de divisão.

As alterações introduzidas no contar da pontuação para a 2ª fase parecem-me mais justas.

O núcleo duro da tua equipa é composto pelos mesmos jogadores de há vários anos a esta parte. Já pensas na renovação geracional do plantel ou achas que ainda não é caso para isso? Quais são os objectivos da equipa em 2016/2017?

O Sangalhos DC é um clube de "aldeia", mas que tem tido vários jovens com potencial a passar pela equipa principal, no entanto numa fase ainda muito prematura (2º ano de sub 18, 1º de sub 20). Depois o clube tem sido sistematicamente confrontado com a entrada desses jovens na Universidade e a sua indisponibilidade para



cumprirem com o programa de trabalho, mínimo, necessário para se estar neste nível de competição. Mesmo os jovens que entram próximo optam, juntamente com as suas famílias, por não assumir o compromisso com a equipa. Para os manter ligados ao clube e na esperança de mais tarde poderem dar outro tipo de contributo, constituímos uma equipa B, onde muitos desses jovens treinam à sexta e sábado, jogando ao domingo. Desta forma a cada ano tem sido nosso compromisso trabalhar com os que estão disponíveis para cumprir o programa e, com eles, mantermo-nos neste nível de competição, procurando o melhor lugar. Este ano não foge à regra.

Não poderia deixar de agradecer a todos os que têm contribuído para o cumprir dos objetivos, em especial aos mais "velhos" pela sua extraordinária dedicação ao clube, à equipa, aos mais jovens.

Depois da disputa do Troféu António Pratas e de realizadas as primeiras jornadas, já dá para ter uma boa ideia do valor de cada equipa. Como te parece o nível da competição? Em particular na zona norte, haverá candidatos claros à subida?

Parece-me que a competição será extremamente equilibrada, não havendo, a norte, um adversário claramente superior. Algumas equipas procuraram melhorar os seus planteis e os jovens que as compunham possuem mais experiência, desta forma penso que o nível poderá ser melhor ao da época passada. No entanto, e na minha opinião, a prolíga teve mais qualidade no passado.

Quanto a candidatos à subida, não conheço nenhum a Norte que tenha assumido essa candidatura, assim como desconheço se algum tem ou possa vir a ter condições para participar na Liga. Para mim, por circunstâncias diversas, julgo que Vasco da Gama e Dragon Force FC Porto podem ter mais argumentos.

Como vêes o actual momento do basquetebol português?

A Liga masculina parece-me melhor. Um conjunto de clubes estabilizaram, melhoraram a sua estrutura, criaram condições para melhorar os seus planteis, e o alargamento do mercado aproximou as equipas, podendo tornar a competição mais equilibrada.

Na Prolíga várias equipas procuraram melhorar os seus projetos, verificando-se mais alterações na zona sul. A competição será muito equilibrada. No entanto, a distância para as equipas da Liga será maior, o que julgo não ser favorável. Pode cair-se numa situação em que os clubes desejam estar neste nível, mas estão longe das condições para participar no seguinte. Desta forma, todos querem a melhor classificação possível ou não descer de divisão mas, por outro lado, ver-se-ão confrontados, nalgum momento, com a necessidade de não "poder" ganhar para evitar a subida, sob risco de descer de divisão por falta de condições (veja-se o exemplo do Atlético). Isto, seguramente, é algo indesejável no desporto.

O basquetebol feminino tem obtido excelentes resultados fruto do trabalho realizado nos centros de treino e nos clubes, reflexo da melhoria da qualidade dos treinadores do setor, das condições que os clubes conseguem proporcionar e beneficiando de um conjunto de jogadoras de elevado potencial técnico e físico.

Na formação temos jogadores mais altos mas técnica e taticamente com mais dificuldades.

// **DANIEL BRANDÃO ... ENTREVISTA**

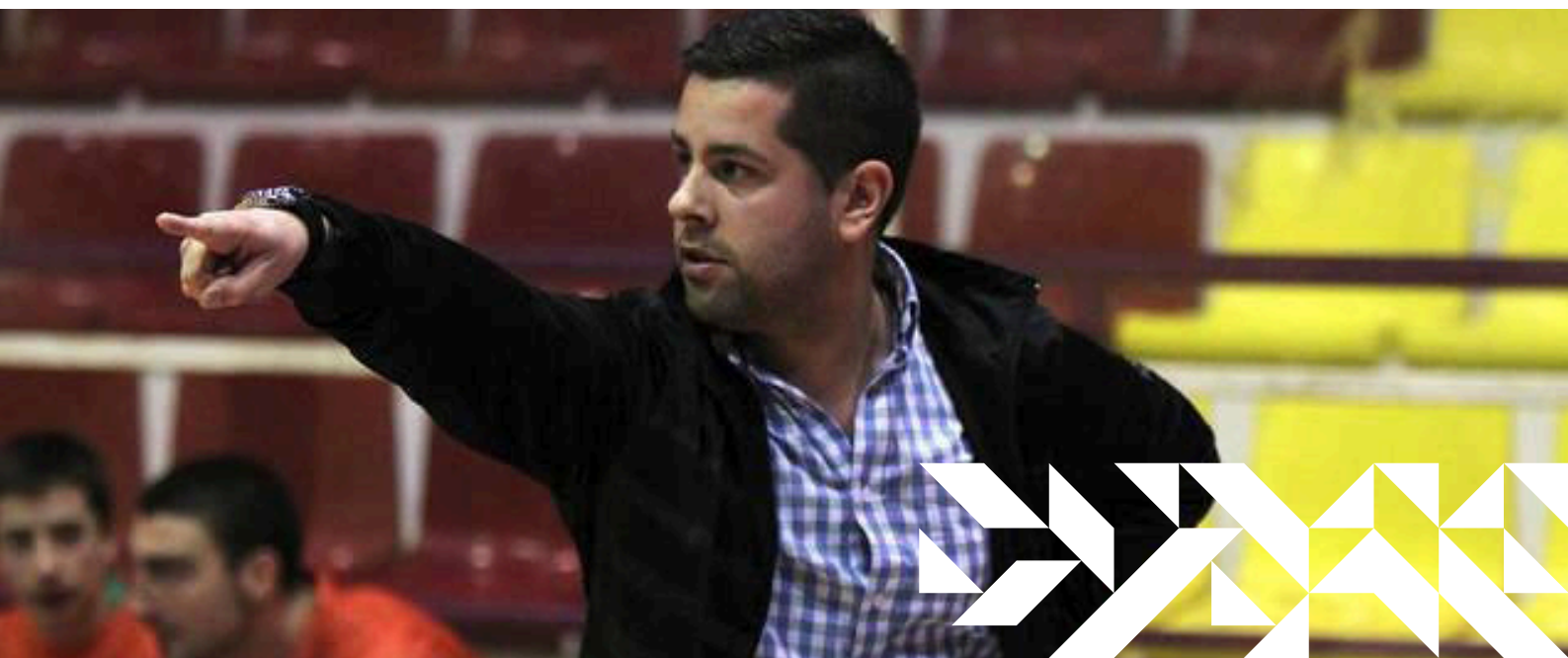
Queremos mais!

Daniel, apesar de seres um jovem treinador, vais já para a 6ª temporada de Proliga ao serviço do Terceira Basket, 4 das quais como treinador principal. O que pensas do actual formato da competição?

Julgo que existem vantagens e desvantagens em relação ao formato anterior. A principal vantagem na minha opinião prende-se com o facto de as equipas disputarem mais jogos em comparação com o modelo anterior, o que faz com que a incerteza competitiva e a margem de erro das equipas aumente. Vejo no entanto, algumas desvantagens também, nomeadamente no que diz respeito ao facto de a divisão geográfica que é feita não considerar o nível das equipas. Desta forma, corre-se o risco de uma zona ser muito mais forte que a outra, e consequentemente, nas 8 equipas do Grupo A da 2ª fase poderem não estar as 8 melhores equipas da competição. Parece-me ainda que o facto de descerem 4 equipas é demasiado, não me lembro de nenhum campeonato em que desçam 25% das equipas participantes no mesmo. Julgo ainda, apesar de entender os motivos que levam a que assim seja, que o facto de no playoff, a equipa pior classificada jogar primeiro em casa não é a melhor representação da verdade desportiva que todos queremos ver nas nossas competições.

Nas últimas épocas o Terceira tem andado muito perto da subida. Depois das boas indicações deixadas pela equipa com a conquista do António Pratas, acreditas que este ano reuniste as peças necessárias para conquistar o campeonato? Quais são os objectivos da equipa em 2016/2017?

O plantel foi construído com o objetivo de darmos mais alguns passos em relação ao passado. Desde que sou parte integrante do projeto do Terceira Basket, que temos melhorado e evoluído todas as épocas e na presente época já conseguimos conquistar algo que ainda não tínhamos conseguido, um título nacional. Este foi um prémio muito merecido para toda a equipa e estrutura do clube. No entanto, queremos mais. Com toda a humildade e respeito pelos nossos adversários, que semana após semana se preparam tão bem ou melhor que nós para nos ganhar, queremos ser campeões e atingir a subida à LPB. Temos construído, ano após ano, uma estrutura mais forte que nos permite acreditar que o clube poderá ter um projeto desportivo sustentável na LPB e vamos em busca disso com todas as nossas forças.



Depois da disputa do Troféu António Pratas e de realizadas as primeiras jornadas, já dá para ter uma boa ideia do valor de cada equipa. Como te parece o nível da competição? Em particular na zona sul, haverá candidatos claros à subida?

Julgo que a competição será equilibrada e que terá jogos muito interessantes de seguir. Algumas equipas reforçaram-se com jogadores com experiência de Liga, e isso trará uma maior qualidade à competição. Falando na zona sul, julgo que existem duas equipas que, pelo grupo de jogadores que têm e pela capacidade das respetivas equipas técnicas serão legítimos candidatos à subida, o Barreirense e o Belenenses. Penso também que o Estoril Basket poderá aparecer nesta luta, dado que apresenta um grupo com muitas soluções de qualidade e que irá certamente criar dificuldades a todas as equipas.

Como vês o actual momento do basquetebol português?

Ao contrário de muitas opiniões, eu acredito num futuro melhor no basquetebol português. Pelo menos, estou de consciência tranquila que faço tudo o que está ao meu alcance para contribuir para um basquetebol melhor. Se todos os agentes da modalidade o fizerem, atletas, treinadores, dirigentes federativos e dos clubes, juízes e público em geral, certamente teremos um basquetebol melhor comparativamente ao passado recente. Julgo que recentemente existiram alguns indicadores que nos fazem ser positivos, a prestação das seleções femininas jovens nos vários campeonatos da Europa, o reaparecimento de clubes portugueses nas competições europeias e as transmissões televisivas de basquetebol já esta época são bons exemplos disso. Julgo que será a hora certa de os clubes se voltarem a juntar a discutir a modalidade, com o objetivo de a tornar mais aliciante para os sponsors e público, dado que é urgente aumentar o número de espetadores nos jogos. Nós treinadores, temos que contribuir para um basquetebol melhor na busca de mais conhecimento, na melhoria das nossas capacidades de liderança e na humildade que devemos ter ao perceber que a aprendizagem é contínua e que nunca sabemos tudo, é fundamental manter sempre a ambição de querer ser melhor que ontem, no nosso trabalho.



// A VOZ DO TEINADOR

Se tens um tema ou uma experiência que queres partilhar este é o teu espaço.
Envia-nos o teu contributo para geral@antb.pt



JÁ ÉS SÓCIO DA ANTB? Inscreve-te em antb.pt

// NUNO MANAIA ... Entrevista

Algo mudou.

Nuno, são já 9 épocas na Liga Feminina ao comando do GDESSA. Ao longo deste tempo todo, o que pensas da competição e da sua evolução?

Ao longo destes 9 anos tenho assistido a Ligas equilibradas e outras nem tanto. A Liga está neste momento recheada de jovens que procuram o seu espaço na competição mais forte do nosso país, enquanto há 7/8 anos atrás era bem mais difícil para uma jovem jogar minutos consideráveis na Liga Feminina. Não sou saudosista e não gosto de estar sempre a fazer comparações com o passado (exemplo: "no meu tempo é que era..."). Temos que olhar para a frente e fazer todos os dias melhor que ontem. A Liga atual é competitiva e interessante de seguir.



Esta época a Taça Vitor Hugo decorreu num formato bastante diferente do habitual. Qual é a tua opinião sobre o novo formato competitivo adoptado?

Penso que o modelo é interessante do ponto de vista da visibilidade, onde todos têm a oportunidade de ver em ação as melhores atletas a jogar em Portugal, são entregues os prémios referentes à época anterior, etc. Do ponto de vista desportivo, penso que pode ser melhorado no próximo ano. Pode ser mais útil se os jogos tiverem a duração de tempo normal (4x10min), o que pressupõe não poder haver 3 jogos no mesmo dia. Os treinadores aproveitavam o anterior modelo para testar as suas equipas para a Liga Feminina e agora tiveram que avaliar as mesmas em 2 dias, com 4 jogos de 28 minutos. Talvez começar a competição na 6ª feira possa resolver essa situação, passando a prova a ser disputada em 3 dias. O facto de ser concentrado, agrada-me.



Decorridas 4 jornadas da edição 2016/2017 da Liga Feminina, já nenhuma equipa se encontra invicta. Acreditas que o equilíbrio poderá ser a nota dominante do campeonato ou será que os lugares cimeiros da classificação já estão reservados?

Essa é sempre uma questão difícil de responder, pois na nossa Liga as estrangeiras fazem muita diferença. Gosto de falar sobre esse assunto após o dia 28 de Fevereiro, data em que os planteis já não podem ser alterados. De qualquer forma, parece-me que União Sportiva, CAB, Lombos e Vagos são equipas bem construídas. Nós (GDESSA) acreditamos sempre que podemos ganhar todos os jogos. Mas há mais equipas que se podem intrometer. Ainda é muito cedo...

Como vês o actual momento do basquetebol português?

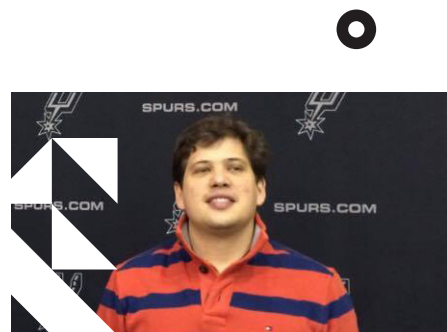
Na minha opinião o Basquetebol Português está a dar alguns passos para se tornar mais apetecível. Exemplo disso são as participações regulares dos clubes portugueses nas Competições Europeias, coisa que em anos anteriores por vezes não aconteceu. Chegámos a ter épocas em que nenhuma equipa (masculina e feminina) jogou na Europa.

Outro fator importante é a televisão em sinal aberto. Nos últimos tempos tenho sido abordado por algumas pessoas que nada têm a ver com o Basquetebol, mas que assistiram a um jogo na TV e como sabem que estou ligado à modalidade, começam a falar comigo sobre o encontro. Isso não era habitual, algo mudou.

A qualidade do jogo tem que melhorar e não tenho dúvidas que o Basquetebol Português para ser forte ao nível dos escalões seniores, terá que conseguir ter mais jogadores e treinadores profissionais, pessoas que acordam de manhã a pensar no Basquetebol, e não em ir para o trabalho. Isso faz toda a diferença naquilo que produzimos, neste caso, Basquetebol. Para haver profissionalismo é preciso investimento e a conjuntura financeira do nosso país não está famosa, o que também afeta a nossa modalidade.

// SÉRGIO SILVA ... Artigo

Intervenção de Chip Engelland com os jogadores (parte 3)



O treinador que mais vezes vi trabalhar e de mais perto foi Chip Engelland. A forma como trabalhou com Boris Diaw, Kawhi Leonard e Matt Bonner, faz dele um camaleão a nível de personalidade, nota-se nitidamente que se adapta e faz o tipo de treino a nível mental para tirar o melhor proveito dos jogadores. Com Leonard, observei aquilo que podemos imaginar como o trabalho mais sério possível, Leonard está tão concentrado na sua tarefa que ninguém ousa esboçar um sorriso ou fazer algum barulho que possa perturbar o seu trabalho, nem mesmo Chip que dá o mínimo de informação e o mais direta possível. Com Boris Diaw, o homem mais interessante do mundo (assim o chamam dentro dos Spurs), Chip não deixa de fazer um trabalho sério, mas adapta-se as características do jogador, Boris é bastante extrovertido, de sorriso fácil, um brincalhão. Dizia algumas piadas enquanto lançava e fazia algumas provocações, tais como, agora não consegues fazer isto, ou aquilo. Em todos os treinos de lançamento com Boris, Chip ia buscar uma fotografia do próprio Diaw a beber um copo de vinho, que colocava por baixo da tabela. Pode parecer brincadeira mas não é, além da foto, Chip trazia sempre um hipopótamo que fazia um barulho estranho ao ser apertado. Enquanto Diaw lançava, Chip tentava incomodá-lo com o barulho do hipopótamo. Enquanto estive lá, Diaw passou de jogar muito pouco tempo a ser titular e até aí se notava a diferença na atuação de Chip. Chip adaptava-se a Diaw, sem nunca perder a exigência e sem nunca perder o foco nos objetivos planeados.

Chip e Matt Bonner: Matt Bonner é o melhor lançador de 3 pontos dos Spurs. Em treino, nos exercícios de lançamentos com a equipa, todos querem ser do grupo de Bonner. Mas Bonner tem sempre uma pessoa a tentar perturbar-lhe a concentração, Chip persegue Bonner em cada lançamento e é capaz de dizer coisas como: "És um egoísta, ninguém gosta de ti porque não passas a bola, não jogas nada, só sabes lançar". Mas Matt Bonner lança como se não fosse nada com ele, aquilo não o perturba. Ver a versatilidade de Chip e a sua capacidade de adaptação a cada jogador é algo que para mim representa muito do que são os Spurs.

Tim Duncan: é um ser humano diferente, um profissional incomparável, um exemplo. Os vários problemas físicos eram visíveis em treino. A mim, fazia-me alguma confusão ver Tim correr em transição, corria mais que outros jogadores, mas os seus joelhos imploravam para parar. Falar com Tim Duncan era impossível, nunca falei com ele, mas não vou esquecer dois dos seus hábitos, um deles em treino: lançava sempre sozinho, tendo como companhia a máquina de passar bolas. Eram sempre 20 minutos, sozinho, ele no seu mundo, como se estivesse no seu templo. Sempre que falhava uma bola, a seguir aumentava a intensidade, não precisava de ninguém a dizer-lhe que tinha que fazer melhor, ele já tinha isso em mente. O segundo hábito que tive oportunidade de observar, era em jogo. Ver Tim Duncan abraçar a bola antes de um jogo, era algo marcante, sinceramente, não sei porque o fazia, mas aquilo para mim era uma demonstração de amor. Tim não precisava de falar para indicar caminhos, demonstrava sempre o caminho com a sua atitude em treino, em campo e fora dele. Um exemplo a seguir.

Gostaria de salientar que os Spurs são mesmo assim, tudo isto que abordei. Sei que ao lerem este artigo acabarão por dizer que de basquetebol pouco falei, é verdade, mas tudo isto vai muito além do basquetebol. Aprendi que devemos agradecer às pessoas que fazem algo por nós, devemos dizer obrigado. Sei bem que entrei novamente nos Spurs pelo que escrevi na carta e não pelo vinho que enviei, mas também sei que por mim não tinha enviado nada e ter-me-ia esquecido de agradecer a alguém que fez muito por mim.

Muito obrigado Pop.

